

Memórias da instalação da primeira igreja de Picos-PI: análise das contribuições culturais da Igreja do Sagrado Coração de Jesus¹

Mateus Milton da SILVA²

José Matheus Luz SILVA³

Guilherme dos Santos ALVES⁴

Daniela Araújo PEREIRA⁵

Mayara Sousa FERREIRA⁶

Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (Faculdade R.Sá)

RESUMO

O surgimento de muitos municípios piauienses tem ligação, do ponto de vista cultural, com a instalação de igrejas católicas, que acompanhavam seu povoamento e expansão. Muitas tradições culturais que resistem até hoje têm relação com as memórias que tais igrejas carregam. Sendo assim, a proposta deste trabalho é investigar os vestígios mnemônicos e culturais acerca da instalação da primeira igreja católica de Picos, no Piauí, a atual Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Para isso, fundamentamos nosso lugar de fala a partir da compreensão de cultura dos Estudos Culturais, refletindo também sobre memórias. Em seguida, fizemos entrevista em profundidade com personagens que guardam lembranças sobre esse acontecimento. Diante disso, ressaltamos a importância dessa igreja para a cultura do município, pois carrega recordações que ainda estão vivas e presentes no cotidiano da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; memórias; primeira igreja de Picos-PI.

INTRODUÇÃO

Laraia (2001) define cultura como um conjunto de diversas manifestações, entre elas: artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais. Portanto, fazem parte da cultura atividades e suas manifestações, sejam elas em música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, valores, costumes, entre outros. Desse modo, a produção de cultura é uma das capacidades que diferenciam o ser humano dos animais, segundo o mesmo autor acima mencionado.

A partir desse entendimento, observamos a riqueza cultural do Piauí e damos destaque para as manifestações religiosas, por seu caráter memorialístico e histórico, que remonta ao surgimento dos municípios, dentre os quais, Picos, situado na região Centro-Sul do estado. O

¹ Trabalho apresentado no IJ – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. E-mail: mateus27-06@hotmail.com.

³ Graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. E-mail: mluz4788@gmail.com.

⁴ Graduando em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá.

⁵ Graduanda em Jornalismo. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Faculdade R.Sá. E-mail: daniela_pereira98@outlook.com

⁶ Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFPI). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Uespi). Atualmente, é professora na Faculdade R.Sá, em Picos-PI. E-mail: ferreiramayara02@gmail.com.

povoamento de muitos municípios piauienses foi acompanhado pela religiosidade, especificamente e predominantemente a católica. Tão logo as famílias chegavam e se instalavam para morar na região, eram erguidas capelas, que acabavam por acompanhar o povoamento e expansão. Muitas tradições culturais que resistem até hoje têm relação com as memórias que tais igrejas carregam.

Quando falam sobre o surgimento de Picos, Albano e Silva (2011) referem-se basicamente a uma família, conhecida por Borges Leal, sendo ela portuguesa, que a partir de então, começou com a atividade de desenvolver a criação e comercialização do gado atraídos pela presença do rio Guaribas na região.

Assim, por volta de 1830, a família decidiu instalar uma capela, sendo ela particular, no entanto. A religião católica estava presente na vida dos primeiros moradores, que realizavam rituais e festejos em torno dela, costume, aliás, que resiste fortemente até os dias atuais. Nesse período, o padroeiro tomado para a capela foi São José das Botas, uma escolha que indicava a relação com a região do Vale do Guaribas, pois as vestimentas do santo católico representavam a de um vaqueiro, conforme abordam Albano e Silva (2011).

As fazendas estabelecidas na região de Picos sofreram muitas influências da religião católica, já que eram muito próximas das fazendas dos jesuítas, por isso, procuravam fazer tudo conforme os ensinamentos da igreja: veneravam imagens, davam esmolas e construíam capelas (ALBANO; SILVA, 2011). Além disso, os Borges, desbravadores da Fazenda Picos e responsáveis pela edificação da primeira capela, também seguiram esses costumes portugueses.

De acordo com Albano e Silva (2011), era comum, em toda grande fazenda, uma sala destinada para os “santos”, visto como um relicário, que ficava conservado e cheio de eventuais relíquias, alguns talismãs, sendo aceitos ou tolerados pela instituição católica.

Tendo em vista o contexto mencionado, o presente artigo propõe investigar os vestígios mnemônicos e culturais acerca da instalação da primeira igreja católica de Picos-PI, no século XIX, conjecturando sobre o legado deixado desde esse período, que reflete em muitas manifestações dos dias atuais.

O tema foi escolhido, primeiramente, com intuito de conhecer as memórias do surgimento da primeira igreja católica da terceira maior cidade do Piauí, edificada por volta dos anos de 1830, pela família Borges Leal. Além disso, entendemos a significância dos indícios memorialísticos para os moradores da cidade, pois, mais que contribuir para a disseminação da religião católica no município e na região, o surgimento dessa igreja teve um

papel que sobressalta às práticas sociais, culturais e históricas, acompanhando a memória coletiva da região.

CULTURA E MEMÓRIA

Vale ressaltar que o embasamento teórico para a discussão presente neste trabalho tem como base os Estudos Culturais, em suas acepções e compreensões sobre a pluralidade da cultura, diversidade de manifestações culturais, que, algumas vezes, acabam sendo esquecidas e, de uma certa forma, com o passar do tempo são relembradas a partir da análise dos meios massivos (PRAXEDES, 2003).

Para os autores da vertente dos Estudos Culturais, como Willians (1993) e Hall (2003), a cultura tem centralidade na sociedade, por isso, tem de ser vista como um processo, algo que se transforma a todo o momento. Faz parte da maneira de viver, das interações por meio da comunicação, dos relacionamentos sociais; tem a ver com aquilo que rege e direciona a vida em sociedade.

De acordo com Ferreira (2016), entende-se que entre tantas vertentes sobre cultura, a melhor maneira para compreendê-la é pensá-la como o todo e simultaneamente como as partes, mas, acima disso tudo, como o núcleo da vida coletiva, percebendo sua característica interdisciplinar e central, sempre cientes da complexidade que existe quando tentamos defini-la.

Por isso a necessidade de relacionar o conceito de cultura à arte, mas também às crenças, aos costumes e valores, ao conhecimento, aos bens sociais e às ações e manifestações sobre as quais ocorrem comunicação e troca, envolvendo também o intelecto (FERREIRA, 2016, p. 56).

A discussão proposta pela autora citada acima se enquadra na proposta dos Estudos Culturais, pois, para tais pensadores, a cultura está sempre em estado de transformação no decorrer do seu tempo, manifestando-se de forma diferencial em formação social ou histórico como sendo algo mutável, como diz Escosteguy (2006).

A contribuição de Laraia (2001) também é válida nesse mesmo sentido. Para ele, a cultura é tudo que envolve o ser humano e a sociedade, que se conserva e que, ao mesmo tempo, nasce no dia-a-dia, sendo própria da natureza, fazendo-se, então, parte de crenças, artes, leis, moral, hábitos e aptidões e todos os costumes adquiridos.

Laraia (2001) destaca a visão de que tudo ao nosso redor, de certo modo, é cultura, ou fará parte da cultura, através de um processo acumulativo, até que então chegará ao ponto em que será repassada de geração em geração. Portanto, em seu ponto de vista tudo que o homem

faz foi aprendido com os seus semelhantes, criando, então, um certo padrão cultural para o homem no agir e no pensar.

E quem mantém estreita relação com a cultura é a memória, segundo Konkiewitz (2013), relacionando a transmissão difusa de lembranças no cotidiano, referindo-se, então, ao passado recente, marcado pela durabilidade de curto prazo, através da oralidade ou de suportes físicos. Denomina a cultura como memória, visto que é baseada na concentração de falas e fatos, referindo-se a lembranças objetivas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo do tempo, chegando a outras inúmeras gerações.

A utilização da memória preservada e de testemunhos históricos entendidos como partes da existência social, sejam em diversos aspectos, econômicos, político e culturais, bem como seu processo de transformação, contribui de certa forma para a formação de cidadãos e para a continuidade e manutenção de tradições e costumes.

Para entender a relação entre cultura e memórias, precisamos compreender que a memória enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam e que inserem nas lembranças, seja as da coletividade a que pertencemos ou então as individuais, como diz Halbwachs (2006). Entre eles, incluem-se evidentemente os monumentos, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos com suas devidas importâncias, sendo incessantemente lembrados, ou seja, as tradições, costumes, certas regras de interação, folclore, música, e até mesmo as tradições culinárias.

Halbwachs (2006) insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar tanto a memória coletiva quanto as memórias individuais. Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos, ocorrem disputas nesse processo de fixação de recordações nas memórias coletivas.

Pierre Nora (1993) observa que vivemos a aceleração da história, que produz, cada vez mais rapidamente, um passado morto, a percepção geral de algo desaparecido. Para o autor, a mundialização, a democratização, a massificação e a midiaticização causaram o desmoronamento da memória.

Os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos. “Se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (NORA, 1993, p. 13).

METODOLOGIA

A reunião de fatos e informações sobre a primeira igreja de Picos, conhecida nos dias atuais como “Igrejinha” do Sagrado Coração de Jesus, foi operacionalizada por meio de duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Inicialmente, realizamos uma coleta de dados, a partir de livros e pesquisas já publicadas, entre as quais o livro “Picos nas Anotações de Ozildo Albano” (ALBANO; SILVA, 2011).

Na fase da pesquisa de campo, utilizamos como método a entrevista em profundidade, com a elaboração das perguntas norteadoras da entrevista e visita aos entrevistados. Essa é uma técnica qualitativa que permite explorar um ou mais temas, com maior profundidade, seja com perguntas abertas ou semiabertas que possibilitem uma codificação posterior, podendo o entrevistador, de acordo com a sua experiência e o desenrolar da conversa com o entrevistado, adaptar o roteiro em resultado da sua interpretação, de acordo com um diálogo estabelecido e crítico com a realidade (BRITO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011).

Assim sendo, acreditamos que ajudará a alcançar o objetivo traçado de compreender e/ou explicar determinado fenômeno ou realidade. Neste método se destacam as vantagens de exploração a fundo de temas mais sensíveis e complexos, da utilidade, especialmente sobre temas onde não há abundância de conhecimentos prévios, aprofundamento de assuntos específicos e utilização de estudos quantitativos já publicados.

Os entrevistados foram Maria Dómine Leopoldo Lélis (Mirian Lélis), atual presidente do apostolado da oração da igreja Sagrado Coração de Jesus; Rosimar Albano, moradora do bairro em que se situa a igreja; e Albano Silva, diretor do museu Ozildo Albano. A entrevista caracteriza-se por seguir o método da profundidade, possuindo longa duração e dando oportunidade aos entrevistados de discernirem livremente em relação a cada pergunta do questionário. Os encontros individuais com cada entrevistado se deram através da visita em suas residências, no caso de Mirian Lélis e Rosimar Albano, e no museu Ozildo Albano, no caso de Albano Silva.

A escolha dos entrevistados se deu por serem pessoas ligadas, de certa forma, ao assunto tratado, quais sejam: Maria Dómine Leopoldo Lélis (conhecida como Mirian Lélis) entendedora do assunto, pois, teve um convívio com pessoas ligadas ao período da instalação da Igreja; Rosimar Leal Fontes Albano, pela relação familiar com antigos moradores que presenciaram o surgimento dessa igreja; Albano Silva de família tradicional picoense e que conviveu com pessoas que vivenciaram aquele período.

MEMÓRIAS SOBRE A PRIMEIRA IGREJA DE PICOS: CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS

Nas entrevistas realizadas individualmente, selecionamos alguns pontos a serem questionados, cujas perguntas levantadas foram iguais para todos os entrevistados, com a intenção de obtermos tais resultados através de diversas fontes e checarmos a veracidade das informações e os vestígios das memórias coletivas acerca do assunto. Ao analisarmos, identificamos, entre as respostas, certas controvérsias e, ao mesmo tempo, concordâncias entre os entrevistados.

Ao iniciarmos as entrevistas, referimo-nos ao surgimento da igreja. Segundo Mirian Lélis (2016), Albano Silva (2016) e Rosimar Albano (2016) os primeiros habitantes de Picos vieram de Portugal, por volta do final do século XVIII, denominados de família Borges Leal. Eram então comerciantes que vieram na busca por terras boas para a criação de animais e aqui encontraram como estímulo para isso o rio Guaribas.

De acordo com Lélis (2016) a família Borges Leal começou a construir suas casas e a comercializar os animais que criava. Como era comum onde tinha aglomerado de casas construírem uma capela, então eles ergueram a primeira igreja de Picos nesse período.

Os primeiros habitantes foram os portugueses a família Borges Leal, escolheram aqui, pois, acharam que era bom para criar animais e assim comercializaram para a Bahia e Pernambuco. Então, os Borges Leal começaram a construir suas casas aos arredores, onde hoje, situa-se a Rua Velha. Como é comum onde tem um aglomerado de casas construir uma capela, foi o que eles fizeram (LÉLIS, 2016).

Rosimar Albano (2016) expõe que o surgimento do município se deu com a chegada dos portugueses, que, assim, começaram a construir suas moradias. “Começou com a chegada dos portugueses que construíram suas moradias. Em seguida edificaram a capela de São José, com passar dos tempos passou ser Sagrado Coração de Jesus”.

Silva (2016) acrescenta que foi na Rua Velha, hoje Centro de Picos, onde foram construídas as primeiras residências, havendo então um pequeno aglomerado de casas. Logo após, pregaram missões em suas fazendas, e assim, criaram, então, a igreja, como explica em seu relato:

Devido às terras férteis, houve o aglomerado das primeiras casas do município que surgiram ao redor do rio Guaribas, na antiga Rua Velha, sob uma demanda da criação de gado. No entanto, como não havia capela, as famílias faziam orações em suas próprias residências. A partir disso, a família Borges Leal decidiu criar uma capela (SILVA, 2016).

Conforme Mirian Lélis (2016), o principal intuito dessa criação era o de proporcionar um espaço adequado para se reunirem para fazerem suas orações. “O fundamento era criar uma pequena capela para que pudessem realizar suas orações a seus santos de devoção”. Albano Silva (2016) complementa acerca do contexto da época: “o catolicismo no Brasil era predominante, assim foi construída a pequena capela, com intuito de disseminar a fé católica”.

Considerando o cenário religioso e social que era comum em nível mundial, Rosimar Albano (2016) destaca que o principal intuito era motivar a fé católica e incentivar a devoção aos santos também aqui no Brasil e, especificamente, nessa região do Piauí adentro.

Como a família era de tradição católica e vindo de Portugal, onde eram comuns grandes igrejas, sentiu a necessidade de criar naquela pequena vila, um espaço para suas orações com o desejo de mostrar o quão valioso era propagar a fé. Outro ponto importante era estimular a devoção aos santos (ALBANO, 2016).

No desenrolar das entrevistas, identificamos concordâncias em ambos entrevistados, em relação às memórias dos moradores indagados nesta pesquisa. Tais afirmações nas suas falas se referem à escolha de padroeiro da primeira igreja católica do município, como recordações memorialísticas que até hoje são preservadas a respeito dessa igreja.

Para Albano Silva (2016), “não houve praticamente uma escolha sobre o padroeiro, pois a imagem de São José de Botas já acompanhava a família em sua vinda”. Mirian Lélis (2016) afirma que “como escolheram aqui para a criação de gado, trouxeram a imagem de Portugal vestida de vaqueiro, por isso determinaram São José de Botas como padroeiro”.

E Rosimar Albano (2016) complementa que a escolha se deu devido à família Borges Leal ter devoção a São José de Botas, e por isso indicaram ele mesmo como padroeiro. “Alguém da família carregava a imagem que vinha de Portugal consigo e tinha grande devoção ao santo, o qual vinha vestido de vaqueiro, por causa da ligação da família com a criação de gado. Com isso, o escolheu como padroeiro”.

Segundo os entrevistados por volta de 1924, houve uma reforma na capela, pois, havia necessidade de ampliar o espaço para os fiéis devido à disseminação da fé católica e ao crescimento do número de seguidores dessa religião no município. A partir dessa reforma, o apostolado da oração teve a ideia de implantar o Sagrado Coração de Jesus como padroeiro da igreja por a sua devoção ter crescido naquela época.

Em relação à troca de padroeiro, ambos entrevistados relatam que foi através do apostolado da oração e sua grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus, com isso ampliaram

a capela e fizeram a troca do padroeiro, e, nas lembranças dos entrevistados, não houve motivo exato para a troca. Assim, notamos que alguns indícios de memória e de cultura do século XIX foram sobrepostos por gerações do século XX, ignorando o legado cultural e memorialístico dos objetos religiosos que remontavam a instalação dos primeiros moradores na região, a exemplo da escultura do primeiro padroeiro, o São José das Botas, assim como sua relação com as características locais e seu contexto de instalação e morada nessa região do Piauí.

Para Lélis (2016) com a chegada do apostolado da oração, louvores começaram a ser prestados ao Coração de Jesus. “A mudança ocorreu devido à alta devoção do apostolado da oração ao Sagrado Coração de Jesus, e assim, ampliaram a capela onde ocorreu a troca de padroeiro”. Silva (2016) afirma que “com a fundação do apostolado da oração cresceu a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Em 1924, fizeram uma ampliação da igreja ocorrendo a mudança de padroeiro”. E Albano (2016) também confirma tal memória sobre a reforma estrutural e troca de “santo” devocional.

Notamos, através das falas e considerações dos entrevistados, que vestígios e indícios de memória daquela igreja do passado podem ser encontrados hoje. Albano Silva (2016) destaca que há vestígios físicos acerca da instalação da igreja que ainda podem ser encontrados. “Os vestígios são os mesmos da atualidade, por exemplo: o altar continua o mesmo”, exceto a presença do primeiro padroeiro, que hoje se refere ao Sagrado Coração de Jesus ou de pequenas modificações, como mostra as imagens de períodos diferentes dispostas logo abaixo.



Imagens 1: altar da igreja Sagrado Coração de Jesus por volta de 1950. Fonte: autoria desconhecida, foto cedida pelo Museu Ozildo Albano.

Imagem 2: altar da igreja Sagrado Coração de Jesus atualmente. Fonte: Autoria própria.

A igreja está situada bem no meio de duas vias de uma das principais avenidas da cidade, a Avenida Getúlio Vargas. Para se deslocarem de um lado para outro, os veículos automotivos precisam fazer a volta no entorno do templo. Apesar da mudança em relação ao padroeiro e da realização da reforma quase um século depois da construção da primeira capela de Picos, notamos que, daí para os dias atuais, houve uma preocupação em conservar a estrutura física, que entendemos como um lugar de memória. Portanto, permaneceram vestígios memorialísticos arquitetônicos, que ainda hoje podem ser encontrados sobre o surgimento e a cultura da cidade.

Como Rosimar Albano (2016) diz, ainda podemos encontrar vestígios físicos, pois a igreja não foi demolida, apenas reformulada. Contudo, segundo a mesma entrevistada, hoje, não há mais documentos oficiais do período da instalação e início do povoamento. “O único vestígio é apenas o próprio templo, pois mudou pouco. Mas os documentos em si desapareceram” (ALBANO, 2016).

Lélis (2016) ratifica que tudo que tinha naquela igreja foi perdido. “Não há registros, pois, as imagens foram furtadas”, por volta de 1950 (LÉLIS, 2016). Em meados do século

XX, os parâmetros e todos os documentos desapareceram, ninguém sabe ao certo como ou por quem foram levados, o que se sabe é que tudo que tinha naquela igreja desapareceu e com isso, foram perdidas algumas recordações daquela que foi a primeira igreja do município.

Apesar disso, notamos vestígios físicos e simbólicos de memória presentes na atualidade na igreja, mantendo, assim, a tradição, os costumes, preservando a cultura reconhecendo, então, a contribuição da igreja para a cultura de Picos. Foi um acontecimento histórico e memorialístico por se tratar da primeira igreja do município, contribuindo para sua cultura pregando o catolicismo, religião que, hoje em dia, prevalece na cidade, pois, após o surgimento desse templo, outras inúmeras igrejas⁷ surgiram e se expandiram no município.

Com tudo isso, a Igreja Sagrado Coração de Jesus se tornou patrimônio histórico cultural, onde as entidades e a população têm grande consideração e respeito por sua instalação. Para Lélis (2016), “essa igreja disseminou a cultura através do tempo que a igreja passou sendo a única da cidade, continuou assim por 40 anos”. Para Silva (2016), “a instalação da primeira igreja de Picos se tornou um marco para a história da cidade, pois depois dessa, surgiram mais de 40 igrejas católicas no município ao longo desse tempo”. Albano (2016) reflete que “o surgimento dessa igreja contribuiu para a devoção da fé católica como um fator cultural que prevalece vivo, sendo muito fluente na vida dos fiéis”.

Tornou-se tradição dos fiéis celebrarem por todo o mês de junho os seus festejos. Essa é a única igreja da cidade há celebrar o mês inteiro, reunindo pessoas de outras comunidades, por vezes, distantes, atraídas pela sua devoção ao seu padroeiro e, mais, por toda sua história vivenciada e repassada de geração à geração. Nesse período, a principal Avenida do Centro de Picos é interditada, mudando a rota do trânsito local, para possibilitar a realização das celebrações religiosas, uma vez que o templo é pequeno e o número de fiéis que participam dos rituais excede o espaço interno da “igrejinha”.

CONSIDERAÇÕES

Diante da pesquisa realizada, notamos que este trabalho contribuiu para compreendermos e, ao mesmo tempo, socializarmos e documentarmos as memórias de hoje sobre o período da instalação da primeira igreja católica de Picos, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. É notório que muitas pessoas não conhecem tais memórias que fazem parte

⁷ Vale destacar também que, apesar de a “Igrejinha” do Sagrado Coração de Jesus ter sido a primeira de Picos, ela não é a matriz. O templo da matriz foi edificado em meados do século XX e, hoje, é reconhecido como uma das sete maravilhas do Piauí e como um aspecto fortemente representativo e reconhecido da cultura local.

da cultura picoense, indicando a desconsideração acerca da relação entre a origem do catolicismo nesta cidade e seu surgimento, povoamento e expansão.

Contudo, tais aspectos memorialísticos e culturais chegam aos dias atuais. Essa igreja realiza um dos acontecimentos religiosos mais importantes da região, que são os festejos da Igreja Sagrado Coração de Jesus, um legado que indica passos de fé, e também de história e memória da cidade, tradição que resiste aos mais de 180 anos de sua primeira realização.

A partir desta perspectiva, percebemos, então, que nesta cidade a maioria dos habitantes são seguidores da religião católica, indicando que essa capela se tornou uma forte influência para o surgimento de outras igrejas católicas do município, pois, esta ainda guarda tradições de seus primórdios, as quais se revificam de geração em geração. É interessante reconhecer que essa é única igreja do município a celebrar suas missas em latim.

Desta forma, os objetivos estabelecidos neste trabalho foram alcançados a partir das informações adquiridas por meio das entrevistas, pois, ambos levantaram suas memórias e lembranças acerca destes acontecimentos passados, trazendo suas vivências e as vivências dos primeiros moradores para o presente projeto, assim concluindo o nosso objetivo principal sob a certeza de que esta temática é inesgotável e que precisa ser amplamente explorada e reconhecida também do ponto de vista acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos: Gráfica Brito, 2011.

ALBANO, Rosimar Leal Fontes. **Entrevista oral**. Realizada em 16 nov. de 2016.

BRITO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidências**. Araxá, v.7, n.7– 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os Estudos Culturais. **Cartografias**. Porto Alegre: Famecos/PUCRS, 2006. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias>>. Acessado em 3 nov. 2016.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses**. 2016. 209f. Trabalho conclusão de curso nível mestrado (dissertação) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM, Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovk; Tradução: La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KONKIEWITZ, Elisabete Castelon. **Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência**: uma visão transdisciplinar. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÉLIS, Maria Dómine Leopoldo. **Entrevista oral**. Realizada em 14 nov. de 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

PRAXEDES, Walter. Estudos culturais e ação educativa. **Espaço Acadêmico**, n. 27, p. 1-3, agosto, 2003. Disponível em : <<http://www.espacoacademico.com.br/027/27wlap.htm>>. Acessado em: 02 nov. de 2016.

SILVA, Albano. **Entrevista oral**. Realizada em 11 nov. de 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.